

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos



**Boletim
de
Estudos Clássicos**

vol. 27

**JUNHO 1997
COIMBRA**

Latim em seis versos, como nós fizemos acima! Não dá qualquer tradução. Diz apenas que o lugar onde a inscrição se encontra é o "convento de Santo António dos Capuchos - Castelo Branco." O certo é que a transcrição em seis versos, separados entre si, não cabia no espaço que, segundo notícias precisas, nos é indicado. Pomos a hipótese de que alguém, mais perito, tenha trabalhado para a referida aluna. Também não é de excluir que ela tenha consultado uma fonte literária que nós desconhecemos.

JOSÉ GERALDES FREIRE

CARMINA BVRANA

EXVL EGO CLERICVS ¹

Clerici vagantes era um dos nomes dados aos goliardos², uma multidão de estudantes pobres que frequentava os grandes mestres e os principais centros literários da Europa (as catedrais, os mosteiros e as universidades) levando uma vida errante, normalmente associada à boémia.

Ainda que a cultura dos goliardos não se reduzisse a miseráveis e a marginais, adversários programáticos da ordem social estabelecida, as poesias que celebrizaram estes homens foram as canções à bebida, ao prazer e ao jogo, as sátiras sociais e as paródias à Sagrada Escritura e aos hinos litúrgicos.

Não eram monges nem sacerdotes, pois embora pertencessem necessariamente à *ordo clericalis*, possuíam apenas as ordens menores — ou simplesmente o hábito de clérigo e a tonsura, com determinadas obrigações litúrgicas— pelo que uns chegavam ao sacramento da Ordem, outros seguiam diferentes caminhos e ficavam simplesmente ao serviço de um senhor, ou eram eternos vagabundos, mais ou menos marginais, em busca do saber. Viviam, no entanto, para todos os efeitos, sujeitos à jurisdição das sociedades eclesiásticas e intrinsecamente vinculados às instituições medievais.

Esse modo de vida errante, associado à poesia e à música, valeu já aos goliardos a comparação com os jograis, pois uns e outros percorriam as cortes senhoriais exibindo as suas cantigas para ganhar algum sustento. Era no entanto bem diferente o conteúdo das suas composições: canções de bebida, canções de clérigos mendigos, poesias amorosas em tom marcadamente hedonista, sátiras morais

¹Sobre o *Codex Bvranus* e a caracterização da cultura dos goliardos vide o meu artigo "CARMINA BVRANA : a juventude é tempo para folgedos", *Boletim de Estudos Clássicos*, 26, 1997, p.74-81, maxime 74-78;

²Sobre as associações fantasiosas dos goliardos ao gigante Golias, personificação do demónio, vide *IBIDEM* p.75.

poderosas, a par com inspiradas poesias sobre a natureza ou sobre os reveses da fortuna.

O dia a dia de um estudante na Idade Média era bastante penoso, sobretudo para um intelectual que durante anos a fio se dedicava ao estudo das letras, sem meios próprios para se manter, mas a pobreza em que vivia servia frequentemente de paródia à pobreza da moral evangélica.

Destes flagrantes da realidade (da pobreza e da nudez) nasce um dos temas da poesia dos goliardos, indissociável do *topos* mais conhecido do vinho e do jogo³. Na verdade, era no vinho e nos jogos da sorte que os estudantes perdiam frequentemente todos os seus bens, a ponto de terem que entregar as próprias vestes, e viverem numa pobreza total, dependentes das esmolas que, a contragosto, lhes davam os mais poderosos. Das censuras de que eram objecto por este modo de vida irresponsável tinham eles consciência, mas os prazeres do vinho tudo superavam. É essa a ideia cantada por uma das mais célebres cantigas de vinho dos *Carmina Burana*: *In taberna quando sumus*⁴:

³Vide VELOSO, Teresa, "A importância do vinho na vida académica medieval", *Revista Portuguesa de História*, 30 (1995). pp. 103-111. Neste artigo a autora apresenta, em tradução de J.GERALDES FREIRE, a mais célebre poesia báquica. Vide também MIRANDA, Carlota, "Nunc est bibendum; um poema de Latim Medieval", *Boletim de Estudos Clássicos*, 26, pp. 27-32.

⁴O texto é extraído de *CARMINA BURANA. Die lieder benediktheurer Handschrift*, Munchen, Deutscher Taschenbuch, 1995⁶, que reproduz a edição crítica de O. Shumann, B. Bischoff, *Carmina Burana. Band I/3: Die Trink- und Spielerlieder. Die geistlichen Dramen. Nachtrage*, Heidelberg, 1970.

Vide nota 3.

1. *In taberna quando sumus
non curamus, quid sit humus,
sed ad ludum properamus,
cui semper insudamus*⁵.
*Quid agatur in taberna,
ubi nummus est pincerna,
hoc est opus, ut queratur,
sed quid loquar, audiat.*

1. Quando estamos na taberna
não somos mais desta terra.
Começamos a jogar,
jogamos até suar.
O que se faz na taberna,
onde o dinheiro é caneca,
forçoso é perguntar.
Ouçam pois, que vou contar.

2. *Quidam ludunt, quidam bibunt,
quidam indiscrete*⁶ *vivunt.
Sed in ludo qui morantur;
ex his quidam denuntantur;
quidam ibi vestiuntur,
quidam saccis induuntur.
Ibi nullus timet mortem.
Sed pro Baccho mittunt sortem!*

2. Uns jogam e outros bebem
outros vivem de igual modo.
Mas de todos os que jogam
há uns que perdem a roupa
há outros que a ganham nova,
e há os que de saco vestem.
Aqui ninguém teme a morte;
Por Baco se joga à sorte.

(...)

7. *Parum durant sex nummate*⁷
*ubi ipsi immoderate
bibunt omnes sine meta,
quamvis bibant mente leta.
Sic nos rodunt omnes gentes,
et sic erimus egentes.
Qui nos rodunt confundantur
et cum iustis non scribantur.*

(...)

7. "Pouco duram seis moedas
quando bebem à fartada,
por muito alegres que bebam."
Assim dizem mal de nós,
e nos deixam na miséria.
Sejam todos confundidos
e dos justos excluídos!

⁵insudo, as, are 'suar sobre' (+ Dat.). Ad I: no qual sempre suamos.

⁶indiscrete— 'estritamente unido', 'que não se distingue'.

⁷nummata, ae (subst. fem.)—moeda; determinada quantia em dinheiro.

*

São frequentes também as composições em que um clérigo pobre se dirige a um nobre fidalgo para pedir trabalho ou simplesmente para pedir uma esmola.

A canção nº 129, *Exul ego clericus*, é uma dessas canções em que o estudante se representa teso e miserável, vítima dos dados da fortuna que a uns destinou à permanente pelintrice, a outros concedeu grandes patrimónios. Neste caso o nosso estudante pede ajuda a um senhor poderoso. Pede-lhe concretamente uma capa para se proteger do frio do Inverno, pois já nem consegue ouvir Missa até ao fim...

Serve-se, para isso, do exemplo virtuoso de São Martinho de Tours, que ofereceu a um mendigo a metade do seu próprio manto.

O assunto era célebre na tradição cristã mas não deixa de evocar algumas ressonâncias clássicas. Marcial é um dos poetas que descreve com minúcia os efeitos do tempo na sua velha capa, tão velha que nem um mendigo a aceitaria (IX, 49).⁸

O carácter musical da poesia é bastante evidente. São versos silábicos, (cuja divisão em hemistíquios se desenhou na disposição gráfica do texto), de estrutura rítmica rigorosa, terminando sempre com acentuação paroxítona e rima perfeita.

Na minha tradução procurei manter o carácter musical do texto através de pares de versos com hemistíquios de sete sílabas, embora nem sempre tenha sido possível criar as rimas correspondentes, pois arrastariam consigo necessárias alterações ao sentido do texto.

1.
Exul ego clericus ad laborem natus
tribulor multotiens paupertati datus
2.
Litterarum studiis vellem insudare,
nisi quod inopia cogit me cessare.

⁸Vide também MARCIAL, VI, 82; VIII, 28.

3.
Ille meus tenuis nimis est amictus;
sepe⁹ frigus patior calore relictus
4.
Interesse laudibus non possum divinis,
Nec misse nec vespere,¹⁰ } dum cantetur finis.
5.
Decus N.¹¹ dum sitis insigne,
postulo suffragia de vobis iam digne¹².
6.
Ergo mentem capite similem Martini;
vestibus induite corpus peregrini,
7.
Ut vos Deus transferat ad regna polorum!
Ibi dona conferat vobis beatorum.

TRADUÇÃO

1.
 Sou um clérigo errante, nasci para trabalhar

⁹sepe = saepe

¹⁰misse et vespere = missae et vesperae. Não se trata da palavra *vesper*, *eris* mas de *vespera*, *ae* que no latim clássico designava 'a parte da tarde', 'o cair da tarde' e passou a designar uma das principais *horas* do Ofício Divino (os cânticos da tarde), juntamente com as *Laudes*, que são os cânticos da manhã. O poeta refere portanto os três grandes actos diários do culto divino.

¹¹N. consiste na abreviatura de *Nomen*, que por sua vez se podia substituir pelo nome próprio da pessoa a quem a cantiga se dirigia.

¹²Para obter rima o poeta viu-se forçado a usar o adjectivo *dignus*, *a*, *um* de forma adverbial. Devemos, pois entendê-lo como advérbio de modo.

Não posso deixar de agradecer ao Senhor Doutor Geraldês Freire a amável ajuda que me prestou, no comentário e na tradução deste passo menos claro do texto.

Muitas penas me atormentam, estou destinado a penar.¹³

2.

Aos estudos literários gostava de me entregar,
Se a múnua não me obrigasse a tudo abandonar

3.

A minha capa está gasta. Está velha a minha capa
Tão velha que passo frio. Já nem sei o que é calor.

4.

Já nem posso assistir às santas laudes divinas
Nem ouvir até ao fim os cantos de missa e vésperas.

5.

Honradíssimo Senhor, já que sois pessoa insigne,
Uma ajudinha vos peço que de vós seja bem digna

6.

Tomai pois o santo exemplo daquilo que fez Martinho
E cobri com vossas vestes o corpo do peregrino.

7.

Assim vos conduza Deus até ao reino dos céus
e aí vos dê os dons que dá às almas dos seus.

Sem nunca deixar de ser poesia eclesiástica, a poesia dos goliardos está bem longe das sérias reflexões escolásticas sobre a divindade ou sobre a lógica de Aristóteles. Mostra homens que não adiam, afinal, o gosto da vida; antes apregoam o prazer que têm nela. A alusão final às promessas da vida eterna, que também se encontrava nos versos finais de *In taberna quando sumus*, não é senão a expressão da mundividência comum, e nada tem a ver com o ideal da alienação da vida terrena para alcançar as glórias celestes.

Do ponto de vista mais técnico da composição, merece relevo a estrofe 5. A variante introduzida por N.(que se desdobra em Nomen) permitia ao poeta a aplicação de nomes diferentes consoante os lugares em que se apresentasse a cantar.

¹³Ad I. 'estou destinado à pobreza'.

Ao contrário de outras composições de carácter mais severo e moralístico, *Exul ego clericus* deixa-nos um retrato bem fiel e desprezioso da vida errante e pobre destes estudantes, que a si mesmos se intitulavam clérigos, com um forte sentido mútuo de corporação, que pouco mais tinham para seu sustento do que aquilo que a generosidade alheia ocasionalmente lhes oferecia.

MARGARIDA MIRANDA